



Comunicação COVID19
Ponto de situação 8 abril

Quarta, 8 de abril de 2020



INFECTADOS CONFIRMADOS

13.141 CASOS DE COVID-19



699 CASOS DO QUE ONTEM

NÚMERO DE INFECTADOS SUBIU 5,6 %



ÓBITOS

380 VÍTIMAS MORTAIS



35 VÍTIMAS

NORTE- 208

CENTRO-96

LISBOA E VALE DO TEJO- 68

ALENTEJO-0

ALGARVE-8

AÇORES-0

MADEIRA-0



196 CASOS DE RECUPERAÇÃO

5.903 AGUARDAM RESULTADOS

104.886 CASOS SUSPEITOS DESDE 1 JAN.

Atualidade

16 horas depois, Eurogrupo ainda não chegou a um acordo. Ministros retomam reunião amanhã.

Comissão Europeia pede “sentido de responsabilidade” ao Eurogrupo.

Empréstimos do Mecanismo Europeu de Estabilidade poupariam 30 milhões ao ano a Portugal.

Parlamento discute hoje mais de 100 iniciativas.

Colheitas de sangue ao nível nacional caíram 38% em março.

Euribor sobe de novo a três, seis e 12 meses para máximos desde janeiro de 2017

Quatro em cada cinco trabalhadores suspensos total ou parcialmente – OIT.

Investigadores do One Health Institute (Estados Unidos), que estudam as relações entre a saúde humana, animal e ambiental, identificaram, pelo menos, 142 patógenos de origem animal que causam doenças em humanos.



MANCHETES, DESTAQUES E PRIMEIRAS PÁGINAS DA IMPRENSA

Público – Pico pode já ter passado, mas não é hora de relaxar. Há presos que não vão sair por não terem casa para regressar. “Isto assusta-nos e vai mudar o nosso futuro” - A pandemia vista pelos adolescentes.

Público (online)- UE falha acordo e ainda não chegou a resposta conjunta à crise. Covid-19: Cientistas e políticos pedem cautela com a pressa para “saída do confinamento”. Carta aberta europeia pede a Merkel que apoie a emissão de “coronabonds”. Mais de 300 personalidades europeias apelam à liderança da chanceler alemã no Conselho Europeu. Portugal já sequenciou mais de 100 genomas do novo coronavírus. Austeridade: a palavra que nem a direita quer dizer nesta crise.

Diário de Notícias (online) - Covid-19 - Fechados e sem soluções, pequenos colégios e ATL lutam pela sobrevivência. PPP rodoviárias - Estado vai ter de pagar. Só não se sabe quanto. Churrascos, festas e agressões. Histórias dos que não obedecem à quarentena.

Correio da Manhã - Peritos contra reabertura do secundário - Especialistas de saúde preferem regresso às aulas em maio de crianças até 12 anos. Horas extra duplicam custos da saúde. Lourenço corta sete ministérios em Angola.

Jornal de Notícias – Prisão preventiva para infetados que violem quarentena (até 8 anos). Oito em dez pessoas vão perder emprego ou rendimentos. País espera mais mortos e prepara-se com urnas e câmaras de frio.

Jornal i - A força dos mais velhos que conseguem resistir ao vírus. Dar sangue. Os 470 ml que fazem a diferença. Maçons afetados pela crise ficam dispensados de pagar quota de 22.5 euros por mês. AR. Parlamento decide hoje entre esvaziar prisões ou proteger presos em risco.

Jornal de Negócios - Portugal bem encaminhado para sair do isolamento. Apoios a recibos verdes e sócios-gerentes - O que já se sabe e o que falta conhecer. Como a

economia pode ficar depois do “lockdown”. Rendimento básico volta à ordem do dia. Portugal descarta. Dirigentes aproveitam mínimos da bolsa para comprar ações.

Revista Sábado- Covid-19 - Revolucionaria a escola. O pico da pandemia vem aí - Previstos 4 mil mortos e 700 mil infetados. O que são os polémicos testes de imunidade.

Observador (online)- Falta de ventiladores obriga a transferir doentes-Hospital de Aveiro. Cientista de topo da UE demite-se "desiludido". Mauro Ferrari estava à frente do Conselho Europeu de Investigação desde janeiro.

Semanário Expresso (online) - 16 horas depois, Eurogrupo falhou acordo que agrada de norte a sul. Vem aí o 3.º estado de emergência: “É preciso em abril preparar um maio, maduro maio”. “Manter Francisco George é caminho direto para a falência”: profissionais do Hospital da Cruz Vermelha escrevem a Costa e Marcelo. Covid-19: António Costa ouve partidos sobre reabertura das escolas, Ordem dos Médicos defende uso de máscaras. Holanda no centro do bloqueio da resposta à covid-19.

Semanário SOL (online)- Após 16 horas de trabalho, Eurogrupo não chega a acordo e adia decisão sobre resposta económica para a EU.

Notícias ao Minuto (online)- Eurogrupo (ainda) sem acordo para a crise; EUA batem recorde.

ECO (online)- Dona do Pingo Doce pede desconto nas rendas das lojas por causa do vírus. Foram aprovados 113 diplomas em 37 dias, Governo diz que “existe quase um ordenamento jurídico Covid-19”. Governo diz que rendimento dos últimos 12 meses é que conta para o apoio aos recibos verdes.

Jornal de Negócios (online) - Eurogrupo falha acordo após 16 horas de discussão e marca nova reunião.

Jornal Económico (online)- Pode haver um alívio das medidas já em abril? Marcelo diz que “neste momento” ainda “não”.

Dinheiro Vivo- Previsões para a recessão portuguesa em 2020 vão dos 0,8% aos 20%. Défice português chega a 11% e dívida passa 145% em 2020.

Revista Sábado (online). Coronavírus: distanciamento social até na hora da morte.

Revista Visão (online)- Covid-19: Pico pode ter sido ultrapassado a 16 e 17 de março.

TSF- Reunião do Eurogrupo sem conclusões. Comissão pede "sentido de responsabilidade". Misericórdias temem que idosos com Covid-19 morram em sofrimento nos lares. António Costa ouve partidos sobre reabertura do ano escolar.

Rádio Renascença- Menos camas, menos investimento, mais idosos. Na saúde, Portugal está mais perto de Itália ou da Alemanha? Saúde mental dos portugueses vai "sair muito mal" da crise do coronavírus. Misericórdias pedem a hospitais que deixem de devolver idosos com Covid-19 aos lares. Ordem dos Médicos defende uso de máscara por todos os que saem à rua. Ministra da Justiça revela que podem vir a ser libertados 2.700 reclusos

Antena 1- Costa recebe partidos para discutir situação das escolas.

SIC Notícias- Escolas fechadas até ao fim do mês. Eurogrupo suspende trabalhos sem acordo.

TVI 24- Ensino à distância mantém-se no início do 3.º período

Portugal é o terceiro país da UE com maior índice de envelhecimento, precedido apenas da Itália e da Alemanha.

Entre os três países mais envelhecidos da UE, Itália apresenta um investimento na saúde em % do PIB inferior ao de Portugal, enquanto a Alemanha é o país deste grupo que mais investe no mesmo setor.

Portugal tem um dos piores rácios de camas em unidades de cuidados intensivos (UCI) por doente na União Europeia.

Apesar de ter uma densidade populacional superior à do Algarve e apresentar o maior índice de envelhecimento do país, o Alentejo é a região de Portugal continental com menos hospitais (10).

A PANDEMIA NA EUROPA E NO RESTO DO MUNDO

- 80.759 mortos e 1,4 milhões de infetados no **Mundo**.
- **Espanha** teve 757 mortes nas últimas 24 horas, uma nova subida, regista agora 14.555 mortes, 146.690 infetados e 48.021 curados.
- **Itália** supera as 17 mil mortes com 604 óbitos nas últimas 24 horas.
- **França** ultrapassa 10.000 mortos com mais 607 óbitos num dia.
- A **Alemanha** registou 4.003 novos contágios de coronavírus (covid-19) nas últimas 24 horas, elevando o número total para os 103.228 casos, e contabilizou 254 mortos num dia, alcançando as 1.861 vítimas mortais.
- **Reino Unido** regista novo recorde com mais 786 mortes, total subiu para 6.159.
- **EUA** registam quase 2.000 mortes em 24 horas, o pior recorde mundial diário.
- **Brasil** bate recorde com 114 novas mortes por coronavírus em 24 horas. Total de óbitos chega aos 667 e há 13717 pessoas infetadas.
- **China** regista três novos casos de contágio local e 59 importados.



FRASES DO DIA

“Se queremos ganhar a liberdade em maio, temos de a conquistar em abril”,
Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República.

“Há um ditado espanhol: Deus perdoa sempre, nós de vez em quando, a natureza nunca. As catástrofes parciais não foram atendidas. Atualmente, quem fala dos incêndios da Austrália? Ou de que há um ano e meio um barco cruzou o Pólo

Norte porque se podia navegar, porque se tinha dissolvido os glaciares? Quem fala de inundações? Não sei se é vingança, mas é a resposta da natureza “, Papa Francisco.

“Todo o nosso pensamento, goste-se ou não, está estruturado à volta da economia. No mundo das finanças, parece que é normal sacrificar. Uma política da cultura do descarte. Do princípio ao fim”, Papa Francisco.

"O Covid-19 não é razão para perdoar penas e soltar delinquentes. Ele justifica que vão para prisão domiciliária os que têm mais de 60 anos e os que têm patologias de risco. Ultrapassado o risco, devem regressar aonde estavam para cumprir o tempo que faltar. É isto que eu defendo", Rui Rio, Presidente do PSD.

"Não conhecemos os especialistas que aconselham o Governo", Fausto Pinto, Presidente do Conselho de Escolas Médicas.

“Parece-me definitivo que para sobreviver ao covid-19 a UE precisa de federalismo como de uma vacina. O conselho que daria a António Costa, mas sobretudo a Macron, é o de deixarem de esperar pela Alemanha. Os países que são favoráveis à emissão de dívida comum têm ampla base legal para avançar nesse sentido. Não só no recurso à "cooperação reforçada", mas também devido ao evidente estado de necessidade que enfrentam.”, Viriato Soromenho-Marques, Professor Universitário.

"Há um ataque injusto ao sistema bancário”, Faria de Oliveira, presidente da Associação Portuguesa de Bancos.



PICO PODE JÁ TER SIDO NO FINAL DE MARÇO. OS NÚMEROS QUE OS PERITOS PASSARAM NA REUNIÃO COM A ELITE POLÍTICA

A dada altura, um “silêncio constrangedor”. “O.K., então, mas como fazemos?”. Na habitual reunião que juntou na terça-feira, na sede do Infarmed, a elite política, os parceiros sociais, os representantes do Conselho Nacional de Educação e as equipas de epidemiologistas da DGS, do Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge e da Escola Nacional de Saúde Pública, os peritos tinham acabado de apresentar os mais diversos cenários sobre em que estado ficaria a curva se as restrições começassem a ser levantadas, isto é, como ficariam previsivelmente os números de infetados se as escolas começassem a reabrir. **Problema um:** os números variavam bastante. **Problema dois:** a estratégia de Portugal nunca foi a via da imunidade coletiva, pelo que a percentagem de imunidade entre os portugueses ao novo coronavírus está na ordem dos 0,8 a 1%, muito baixa se comparada com a de Espanha, que, mesmo assim, também é preocupante: apenas 15%. Então, **sem vacina pelo menos até ao verão do próximo ano, nem tratamentos anti-virais infalíveis, como é que se levantam as restrições? Corremos o risco de ter uma segunda vaga de contágio? Provavelmente sim.**

Foi aí, no meio da troca de impressões sobre o próximo passo a dar, que se instalou um silêncio momentâneo na sala. Tinham chegado a um beco sem saída. Então, como fazemos? Ficamos em casa durante quanto tempo mais? Nem a economia nem a saúde mental da população aguentam tanto tempo de confinamento. A decisão, todos concordam, é “a decisão mais difícil que teremos de tomar”, e está nas mãos de António Costa. A equipa de especialistas de saúde não facilitou a vida ao primeiro-ministro e, apesar de ter lançado vários dados e cenários para cima da mesa, não escolheu aquele que possa ser considerado o mais otimista.

A resposta imediata dos epidemiologistas, para quebrar o silêncio, foi de que **Portugal está “uns dias, semanas” atrás de vários países nesta corrida em contrarrelógio,**

pelo que poderá dar para avaliar como correu o levantamento gradual das restrições em países como a Dinamarca, a Áustria ou até Itália, para seguirmos os mesmos passos, ou darmos outros passos diferentes. A sala respirou — momentaneamente — de alívio. Não há respostas concretas, mas há uma janela temporal a funcionar como balão de oxigénio.

UMA LUZ AO FUNDO DO TÚNEL: O PICO JÁ FOI E CENÁRIOS COMO O DE ESPANHA E DE ITÁLIA JÁ ESTÃO DESCARTADOS

Mas comecemos pelo lado bom. Ao que o Observador apurou junto de várias fontes políticas, partidárias e parceiros sociais presentes na reunião, **uma avaliação fria dos números portugueses dá razões para respirar de alívio. Por três razões:**, com a **taxa de crescimento de novos casos a rondar os 6% esta terça-feira, e os 4% de ontem, a tendência é positiva;** depois, os especialistas concordaram que **“o pico pode já ter sido atingido na última semana de março”, embora só se consiga concluir isso ao fim de mais algumas semanas;** e, depois, mostraram-se confiantes de que, **devido às medidas de contenção tomadas, “não iremos chegar aos níveis de Espanha e Itália”.** Ou seja, o pico, pode já ter sido, e pode ter sido mesmo na forma de planalto — menos acentuado e mais distendido no tempo. Ou, como disse Marcelo Rebelo de Sousa no final da reunião aos jornalistas, a evolução da curva está a ser “lenta mas positiva”.

É a tal “luz ao fundo do túnel” de que António Costa fala, que já parece começar a ver-se, mas ainda sem certezas. “Ao que tudo indica, já estamos numa fase descendente do número de infetados que podem infetar outras pessoas”, disse ao Observador um dos parceiros sociais que assistiu à reunião mas não quis ser identificado. Este cenário indica que “o mal que possa vir já foi feito”. Resta apenas esperar pelo amainar da curva, respeitando as restrições. Mas isto, claro, apenas se as restrições se mantiverem — e se os portugueses continuarem em casa.

Em todo o caso, **é cedo para concluir que a curva está mesmo em sentido descendente. É preciso mais dias, alertaram os especialistas. É que não basta estabilizar, tem mesmo de descer.** “Os dados não são conclusivos o suficiente [para

saber se já passámos o pico de contágio em março ou não]. Pelo menos não são conclusivos o suficiente para começar a abrir as medidas de restrição. E as empresas estão a ver as semanas a passar, as receitas a cair. Sentem que não dá para dar mais tempo.

(...)

Abril, portanto, está fora de questão, tal como revelou o Presidente da República à saída: até ao final deste mês as escolas não podem abrir. Resta saber se em maio haverá possibilidade de retirar pressão da mola. “A sensação com que fiquei foi de que antes de maio não haverá condições para fazer nada disso. Porque quanto mais se abrir, mais mortes haverá, seja em que cenário for”, notou Luís Mira, da CAP. **“Ficou explícito e consensual que as escolas não podem abrir para já, mas a sensação com que fiquei foi de que talvez nem em maio seja possível...”**, notou um outro líder partidário ao Observador. **Ninguém se compromete.**

OBJETIVO: INÍCIO DE MAIO. ABERTURA SERÁ “GRADUAL E ASSIMÉTRICA”

Foi o próprio primeiro-ministro, segundo apurou o Observador junto de fontes presentes na reunião, que sublinhou perante os presentes que a data de 4 de maio, que tem usado regularmente para apontar ao cenário mais optimista de reabertura de alguns estabelecimentos de ensino, é apenas indicativa. **“Só usei o 4 de maio como data de referência”, terá dito António Costa**, que esta quarta-feira vai ouvir os partidos com assento parlamentar para decidir formalmente sobre como vai ser o arranque do terceiro período do ano letivo. Um “pró-forma”, notam já alguns partidos, na medida em que a decisão parece tomada: tudo fechado para já. Haverá uma reunião com os especialistas de Saúde no próximo dia 15 de abril, e outra no fim do mês, onde, a cada momento e perante os números, se fará nova avaliação.

A questão que mais preocupou o primeiro-ministro e o Presidente da República nas intervenções que fizeram foi a possibilidade de haver uma segunda vaga de contágios caso sejam levantadas as restrições. “Eles estão preocupados”, notou uma fonte partidária ouvida pelo Observador. Preocupados, por um lado “com a

depressão generalizada que vai havendo nas pessoas devido à paralisia”, e, por outro, com a ameaça de estragar o trabalho feito se a descompressão for feita cedo demais. Marcelo Rebelo de Sousa foi o primeiro a dizer que não faz sentido andar com as medidas “para trás e para a frente”, mais vale manter a mola apertada durante “mais um mês ou um mês e meio” e depois ir descomprimindo de forma faseada.

IDADES DOS PAIS E IDADES DOS PROFESSORES TAMBÉM CONTAM

A exposição dos técnicos incluiu diferentes cenários sobre o impacto da abertura imediata das escolas, creches e infantários. Mas sem conclusões óbvias nem datas à vista.

Segundo conta Luís Mira ao Observador, foram apresentados dados relativos a dois grupos de alunos: crianças até aos 12 anos e jovens dos 16 aos 19 anos. Segundo o responsável da CAP, os resultados (mesmo com cálculos prudentes) são elucidativos. “Uma decisão de abrir as aulas ao primeiro grupo (até aos 12 anos) engloba uma população de 1.221 milhões de pessoas (entre crianças e pais). Ora os pais destas crianças têm, em média, entre os 25 e os 49 anos. Este grupo etário dos pais tem uma taxa de letalidade de 0,19%. A decisão de abrir as aulas aos jovens entre os 16 e os 19 envolve uma população de 250 mil pessoas, com pais – em média – entre os 45 e os 56 anos. Neste grupo, a taxa de letalidade duplica, para os 0,38%”. É preciso ter tudo em conta.

Houve ainda outro dado que uma outra fonte partidária ouvida pelo Observador reteve: “Há 240 mil pessoas que têm simultaneamente pessoas com mais de 65 anos e pessoas com menos de 18 anos em casa”, sendo que nos outros casos, ou têm apenas idosos em casa, ou apenas jovens, não em simultâneo.

Outra questão, também a ter em conta, é a da idade dos professores. Até ao primeiro ciclo escolar há uma percentagem de professores com mais de 50 anos (idade a partir da qual o risco relacionado com a Covid-19 aumenta bastante) de 38%. No segundo ciclo, esta percentagem sobe para 52% dos professores.

Foi nesse sentido que Marcelo Rebelo de Sousa questionou os especialistas, defendendo que a decisão de reabrir escolas até aos 12 anos, por exemplo, não pode ser tomada de ânimo leve por tudo o que isso implica. “Quem pensa que as crianças até aos 12 anos vão voltar para a escola e vão limitar-se a fazer o percurso casa – escola com o mínimo de risco, desengane-se. Porque há sempre um pai que tem de levar a criança à escola e há um irmão mais velho que questiona porque é que o mais novo pode ir para a escola e ele não”, afirmou o Presidente da República, pedindo que todos os fatores sejam tidos em conta na equação.

“Os especialistas colocaram vários cenários teóricos em cima da mesa mas não apontaram preferência para nenhum”, completou ainda ao Observador outra fonte partidária. Ou seja, os peritos não arriscaram aconselhar António Costa a abrir primeiro o ensino secundário, ou a abrir primeiro as creches ou o ensino básico. Os dados estão lançados, agora é pesar os prós e contras. Mas sempre só no início de maio.

IMUNIDADE COLETIVA ENTRE 0,8 A 1%. RISCO DE SEGUNDA VAGA É ELEVADO

É que há dois critérios para voltar à “normalidade”: o estado da curva e o nível de imunidade coletiva. E é neste último que está o problema maior. “Não podemos ter o melhor dos dois mundos”, notou uma fonte partidária ao Observador, referindo-se ao facto de **não podermos achatar a curva ao máximo através de medidas de contenção e, ao mesmo tempo, querer que os níveis de imunidade entre a população sejam elevados.** Não são. Segundo dados dos técnicos, são muito baixos: entre 0,8 e 1%. Espanha tem a taxa de imunidade mais alta e é de 15%. Em Itália é de 10%. Números muito baixos fazem aumentar os receios de haver uma nova vaga de contágios quando as pessoas saírem à rua.

Essa foi uma das dúvidas que surgiu no decorrer da reunião: qual seria o nível de imunização necessária entre a população para resistir a uma segunda vaga de contágios por Covid-19. **“Sem vacina, é preciso uma imunização entre os 60 e os 70%.** Os técnicos mostraram uma comparação internacional, em que Espanha é o caso em que há maiores taxas de imunização”, contou um dos representantes dos parceiros sociais presente no encontro.

Ao que o Observador apurou, **os especialistas deram conta de que Portugal vai agora começar a apostar nos testes serológicos de imunidade, para usar esses dados na hora de decidir o levantamento das restrições. Mas o risco de uma segunda vaga de infetados é real: o ideal é que não ocorra nos grupos de risco nem na população mais vulnerável.**

TESTES, LARES, MÁSCARAS. AS RESPOSTAS EVASIVAS DOS TÉCNICOS

Estamos, isso é seguro, a entrar numa nova fase, notaram várias fontes ouvidas pelo Observador. É preciso tomar decisões difíceis: qual é o risco que estamos dispostos a correr para abrir a economia? Se relaxarmos aqui ou ali alguém vai ficar doente que de outra forma não ficaria. Foi esta a sensação com que todos ficaram da reunião: os técnicos da DGS não tomaram uma decisão, não concluíram nada apesar de todos os cenários que apresentaram, pelo que a batata quente ficou nas mãos do Governo.

“O que eu perguntei foi: ‘Os senhores dizem que para se abrir as medidas de restrição é preciso que as delegações regionais de saúde estejam bem preparadas para fazer as seguintes tarefas: detetar, rastrear e isolar casos de contágio. Senão aquilo espalha-se como fogo. Então em que ponto é que está esse trabalho de preparar as direções regionais?’”, revelou ao Observador o responsável da confederação dos agricultores, adiantando que a resposta dos técnicos foi ambígua: “Estamos melhor do que estávamos. Estamos a ganhar capacidade”.

A falta de dados concretos até levou um dos deputados presentes a fazer uma pergunta concreta: “Mas estamos a falar de quê exatamente?”. E os técnicos sempre sem responder de forma clara. As questões sobre os testes (“testar, testar, testar”) e dos lares, que são o atual principal foco do problema, como é o caso do lar de Aveiro que está há 15 dias à espera de testes, também foram respondidas de forma pouco clara. “Disseram que se deve priorizar os testes nos lares, mas só isso”, afirmou um líder partidário ao Observador, notando que as respostas dos peritos foram sempre “evasivas”.

E quem são os técnicos que costumam estar na sala a apresentar os dados e a responder aos partidos e aos parceiros sociais? Três especialistas de Lisboa e um do Porto, que participa por videoconferência. Os especialistas de Lisboa são Rita Sá Machado, Chefe de Divisão de Epidemiologia e Estatística da Direção-Geral de Saúde; Baltazar Nunes, responsável pela Unidade de Investigação Epidemiológica no Departamento de Epidemiologia do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge e Manuel do Carmo Gomes, professor de Epidemiologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. O especialista do Porto é Henrique de Barros, professor Catedrático de Epidemiologia do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto. Por vezes, também o presidente do Infarmed [Rui Ivo] responde a algumas perguntas.

Muitas teorias, poucas certezas, logo, poucas conclusões. A bola está na mão do Governo, que, para já, deverá manter tudo fechado em abril. Em maio, logo se vê. Do lado dos técnicos, apertar medidas não é preciso. Apenas manter. Até quando?

Fonte: Observador

COVID-19: OMS AVISA QUE "PROGRESSO FRÁGIL" NÃO PERMITE AINDA ALIVIAR MEDIDAS DE CONTENÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (OMS) avisou hoje que esta não é altura para aliviar as medidas de restrição à movimentação das populações, salientando que o progresso contra a pandemia da covid-19 é ainda demasiado frágil.

O diretor regional europeu da OMS, Hans Kluge, salientou que a diminuição do ritmo de aumento de novos casos em alguns dos países mais atingidos, como Itália e Espanha, “não representa uma vitória”.

Em conferência de imprensa virtual a partir de Copenhaga, revelou que os números atualizados de hoje em 53 países e territórios da Europa são de 687.236 casos confirmados e 52.824 mortes.

Sete dos 10 países mais afetados pela pandemia situam-se na região europeia: Espanha, Itália, Alemanha, França, Reino Unido, Turquia e Suíça, apontou.

Em Itália e Espanha, “15 a 20 dias” após a aplicação de restrições severas à mobilidade das pessoas, com a imposição de estado de emergência e confinamento das pessoas em casa, “o ritmo de aumento de novos casos parece ter abrandado”, mas trata-se de “um progresso frágil”.

“Esta não é altura de relaxar medidas, mas de dobrar ou triplicar o esforço coletivo”, defendeu Hans Kluge, apontando exemplos como a Turquia, em que houve “um aumento dramático” de novos casos durante a última semana, “60 por cento dos quais na cidade de Istambul”, o que demonstra que a transmissão comunitária ainda marca o progresso da pandemia.

“Ainda falta um longo caminho nesta maratona”, afirmou o responsável europeu da OMS, reforçando que o alívio de medidas de restrição social “requer ponderação cuidadosa”.

Essencial continua a ser a proteção da “força de trabalho do setor da saúde”, treinando-a e garantindo que tem equipamentos de proteção individual e o ataque “ao motor da pandemia”, testando, isolando casos suspeitos ou confirmados e seguindo a rede de contactos das pessoas infetadas.

O consultor da OMS Bruce Aylward, que esteve em missão em Espanha, assinalou a velocidade com que o novo coronavírus se espalhou naquele país, passando em cerca de duas semanas de um a dois novos casos por dia (no fim de fevereiro) para mais de 500 casos por dia.

Depois de contactar com as equipas médicas que atacam a doença em Espanha, Bruce Aylward notou ainda como a população ativa é duramente atingida pela covid-19, apesar de a letalidade se verificar mais nos idosos.

Bruce Aylward afirmou que em Espanha “63% das pessoas colocadas em cuidados intensivos tem menos de 69 anos”.

“É errado pensar [na covid-19] como apenas uma pneumonia”, destacou, indicando que doentes que passaram três semanas em unidades de cuidados intensivos “necessitam de um longo período de reabilitação” porque a covid-19 “tem um impacto extraordinário no corpo”.

Hans Kluge apelou a que “ninguém fique para trás” no esforço para conter o avanço da pandemia, destacando populações vulneráveis como os sem-abrigo, a quem é preciso garantir “testes adequados, acesso a alimentação e a alojamento seguro”.

Fonte: Agência Lusa

ESTUDO NORTE-AMERICANO ESTIMA TOTAL DE 471 MORTES EM PORTUGAL ATÉ AGOSTO

Um estudo divulgado ontem nos Estados Unidos estima que a covid-19 venha a provocar 471 mortes em Portugal até 04 de agosto, indicando ainda que o pico do número diário de mortes foi atingido em 3 de abril.

Face aos números oficiais hoje divulgados pela Direção-Geral da Saúde (DGS), que indicam 345 mortes, as projeções dos investigadores do Instituto para Avaliação e Métricas de Saúde (IHME, na sigla inglesa), da Universidade de Washington apontam para mais 126 óbitos ao longo dos próximos três meses.

O estudo refere também que o modelo matemático usado para as estimativas, que foram feitas para vários países, "demonstra que, apesar de Portugal não ter tido falta de camas no total, não tinha suficientes unidades de cuidados intensivos (UCI) para a procura, com o auge a surgir com a falta de 118 camas no dia 03 de abril".

A nível europeu, o IHME calcula que o pico diário da taxa de mortalidade por causa da pandemia de covid-19, a doença provocada pelo novo coronavírus, vai ser atingido na terceira semana de abril.

De acordo com as estimativas, cerca de 151.680 pessoas vão morrer na Europa durante a "primeira vaga" da doença, enquanto para os Estados Unidos estão estimadas 81.766 mortes.

Fonte: Agência Lusa

COVID-19: A PRÓXIMA PANDEMIA VAI CHEGAR SE NÃO MUDARMOS A FORMA COMO INTERAGIMOS COM A VIDA SELVAGEM

O novo coronavírus, que já atravessou o mundo para infectar mais de um milhão de pessoas, começou como tantas pandemias e surtos no passado: dentro de um animal. O hospedeiro original do vírus foi quase certamente um morcego, tal como aconteceu com o ébola, o SARS, o MERS e vírus menos conhecidos como o Nipah e o Marburg. O VIH migrou para os seres humanos há mais de um século, vindo de um chimpanzé. O influenza A "saltou" das aves para os porcos e para as pessoas. Os roedores espalharam a febre de Lassa na África Ocidental. Mas, segundo os cientistas que estudam as doenças zoonóticas, que passam dos animais para as pessoas, o problema não são os animais, somos nós.

Os animais selvagens sempre foram portadores de vírus. O comércio mundial de animais selvagens no valor de milhares de milhões de dólares, a intensificação da agricultura, a desflorestação e a urbanização estão a aproximar as pessoas dos animais, dando aos seus vírus aquilo que precisam para nos infectar: oportunidade. A maioria falha, mas alguns são bem-sucedidos. Muito poucos, como o SARS-CoV-2, triunfam, ajudados por uma população humana interligada que pode transportar um agente patogénico para todo o mundo e em poucas horas.

À medida que o mundo se esforça por fazer face a uma crise económica e de saúde pública sem precedentes, muitos investigadores da doença afirmam que a pandemia de covid-19 deve ser encarada como um aviso mortal. Isso significa pensar nos animais como parceiros, cuja saúde e habitats devem ser protegidos para evitar o próximo surto global.

“As pandemias no seu conjunto estão a aumentar de frequência”, afirmou Peter Daszak, ecologista de doenças e presidente da EcoHealth Alliance, uma organização de saúde pública que estuda as doenças emergentes. “Não é um acto aleatório de Deus. É causado pelo que fazemos ao meio ambiente. Temos de começar a ligar essa cadeia e fazer estas coisas de forma menos arriscada.”

Segundo os cientistas, cerca de 70% das doenças infecciosas emergentes nos seres humanos são de origem animal e podem existir cerca de 1,7 milhões de vírus por descobrir na vida selvagem. Muitos investigadores estão à procura dos próximos vírus que poderão passar de animais para os humanos. Os pontos mais propícios à propagação de vírus têm três coisas em comum, disse Daszak: muitas pessoas, diversas plantas e animais e rápidas mudanças ambientais.

(...)

“É necessário que haja uma mudança cultural a partir de um nível comunitário sobre a forma como tratamos os animais, a nossa compreensão dos perigos e dos riscos para a biossegurança a que nos expomos”, afirmou Kate Jones, professora de Ecologia e Biodiversidade do University College London. “Isso significa deixar os ecossistemas intactos, não destruí-los. Significa pensar de uma forma mais duradoura.”

Fonte: Público/The Washington Post